

PEDRO VALENTE



NOVO TRABALHO DE CARLOTA LAGIDO E JOÃO GALANTE ESTREIA HOJE, ÀS 22H, EM ALMADA

NA PELE DO INIMIGO

NUM ARMAZÉM À BEIRA TEJO — O ESPAÇO GINJAL — INSTALARAM-SE BAILARINOS, COREÓGRAFOS, ARTISTAS PLÁSTICOS E MÚSICOS. CRIARAM “DIS NASTI DOG”, CONCERTO/PERFORMANCE QUE HOJE ESTREIA NO FESTIVAL DANÇAS NA CIDADE. AÍ, A OPRESSÃO É FEITA POR PAÍSES E VÁRIAS PERSONAGENS VESTEM-LHES A PELE. TERRORISTA.

■ LUCINDA CANELAS

SE HAVIA DÚVIDAS quanto ao interesse dos coreógrafos e bailarinos pelo formato dos concertos rock o Festival Danças na Cidade, a decorrer em várias salas de Lisboa até terça-feira, dissipou-as. Depois do Teatro da Trindade ter assistido a “Plage Tattoo”, um espectáculo que reuniu dois ícones belgas — os Ballets C. de la B. e a banda de Stef Kamil Carlens, os Zita Swoon — chega agora a vez de João Galante e Carlota Lagido levarem hoje ao Espaço Ginjal “Dis Nasti Dog”, criação que alia a dupla ao músico e compositor Vítor Rua.

Num velho armazém onde já tudo parece ter acontecido, minado de mesas e cadeiras desirmanados, instalaram-se bailarinos, DJs, músicos, artistas plásticos e uma cantora, tudo com o propósito de montar um espectáculo híbrido em que o movimento parte da música e de uma ideia: “Subverter o processo criativo a que nos habituámos — sempre preso a uma linha dramática que dá mais importância ao movimento do que a qualquer outra coisa — e contrariar a atitude passiva do público que assiste a espectáculos de dança sem se manifestar”, explicou ao PÚBLICO Carlota Lagido.

No palco desfilam uma série de personagens, marcadas por este ou aquele figurino. Bárbara Lagido, a “voz” de serviço, no seu vestidinho vermelho de gola bordada; David Miguel, o autor de um “quadro” de consultório de província onde pode ler-se “Dis Nasti Dog”, e a sua camisola verde água; João Galante e umas calças levemente étnicas... Todos como se procurassem criar o seu próprio espaço, como se pudessem existir independentemente do outro que ocupa o mesmo sofá, que toca a mesma guitarra, que brinca com o mesmo coelho de peluche. “O que une a peça são os momentos de quebra em que ninguém está entregue à sua personagem”, defende Vítor Rua.

Um estudo sobre a rapidez

O isolamento que marca os habitantes deste espaço faz parte da postura crítica e acusatória de “Dis Nasti Dog”, procurando levar o público a reagir, identificando-se, ou não, com as figuras tipo que lhe são apresentadas. “Todas estas pessoas que andam por aqui constroem relações frias e desinteressadas. Estão no palco como se estivessem sozinhas, como se só elas pudessem ser o centro das atenções”, esclarece a coreógrafa.

“Oh, my very nasty way”, canta Carlota à boca de cena, sob o olhar atento de um coelho branco, que nada tem a ver com o de “Alice”, e de um Pluto de borracha. Ao fundo, o baterista Luís Saldanha e Vítor Rua, à guitarra, acertam agulhas, enquanto Frederico distribui cafés no bar improvisado que estará a funcionar durante o concerto.

O imediatismo que os coreógrafos procuraram com “Dis Nasti Dog” — nome escolhido por se assemelhar ao de uma banda rock — esteve desde sempre ligado ao processo de criação. Longe do prazo de seis meses que é habitualmente consagrado à preparação de um espectáculo convencional, Carlota Lagido e João Galante tiveram de lidar com a vertigem de concretizar uma ideia em pouco mais de quatro dias. “As ideias foram muito discutidas, porque era preciso explicá-las às pessoas que fomos convidando, mas a montagem foi de um momento para o outro, ainda está a ser”, afirma o coreógrafo. Vítor Rua vai mais longe e fala da peça como “um estudo sobre a rapidez” em que o movimento foi desenhado para que o corpo fosse utilizado num contexto de concerto, sempre condicionado pelos estímulos que vai recebendo do público.

A voz de Bárbara Lagido, gravada ou ao vivo, vai envolvendo os intérpretes. “This is a story of a nasty dog”, canta. David Miguel, que parece andar à procura de qualquer coisa pelo palco, exhibe o seu fantástico achado — uma pena — antes de iniciar a um solo caótico em que se revolta contra o estatuto de “sex symbol”.

Apesar de parecerem encarnar estereótipos, “cada um é um país, exibindo toda a sua carga simbólica, todos os seus fantasmas, mesmo os que mais queria esquecer”, diz João Galante.

A arte do terrorismo

Criticando frontalmente o poderio dos Estados Unidos, Carlota Lagido abandona um dos casulos-esconderijo que se encontram espalhados pelo palco, transformada em América, de estola de plumas e chapéu à cowboy, cantando: “I’m a very nasty queen/The queen of rock’n’roll/I’ll fuck the universe/I’ll kill all humans.”

“Queríamos falar da opressão pelo lado dos opressores e não das vítimas”, esclarece Carlota Lagido, “mostrar os opressores, vestindo-lhes a pele, vestindo a pele do inimigo”.

Respondendo aos desafios que a música lhes ia lançando constantemente, colocando-os perante a urgência de cantar ou de tocar, Lagido e Galante foram “vencendo medos” e levam ao Ginjal uma criação colectiva que “só faz sentido se a analisarmos como um conjunto de performances”, coreográficas ou musicais, que ousa “discutir que papel político pode desempenhar a arte, que tipo de terrorismo pode impor”.

DIS NASTI DOG

Direcção artística de Carlota Lagido e João Galante. Direcção musical e música original de Vítor Rua. Interpretação de Carlota Lagido, João Galante, David Miguel, Bárbara Lagido, Vítor Rua, David Martins, Luís Sampaio e DJ Murka. ALMADA Espaço Ginjal, hoje, às 22h.